

A nudez sob os olhos que a possuem: reflexões sobre o corpo feminino e a construção de reputação no ciberespaço¹

Isabela Rangel Petrosillo (PPGA/UFF)²

Joga pedra na Geni/ Ela é feita pra apanhar/ Ela é boa de cuspir/ Ela dá pra qualquer um

(Chico Buarque, Geni e o Zepelim)

Resumo: O artigo aqui apresentado reflete sobre o corpo feminino e a construção de uma reputação no espaço virtual (ciberespaço), através da publicação de imagens privadas, que a princípio parece ser um simples compartilhamento, mas que na verdade ocorre a violação da intimidade de alguém. Essas relações que ocorrem no espaço virtual revelam os aprisionamentos aos quais o corpo feminino é submetido.

Palavras-Chave: Nudez, Ciberespaço, Feminino, Reputação.

"A nudez sob as roupas e os olhos que a possuem." (ROSA, 1969) essa frase, contida no verso da capa do livro "Noites do sertão", de Guimarães Rosa, ajuda a exemplificar a obscenidade do olhar de Nhô Gualberto Gaspar, personagem da narrativa *Buriti*, ao observar uma mulher. O gesto é um hábito do personagem, que se aproveita de qualquer oportunidade para manifestar sua gula, não só por sexo, mas por todas as coisas.

No trecho a seguir, o autor exprime o desejo do personagem em desnudar uma mulher que observava. "O cúvido olhar do homem queria atingir sua recôndita nudez, fazê-la frágil, bajulá-la. Mas, amplamente no belo casaco marrom, de grandes bolsos onde ocultava as mãos, ela se sentia escudada, escondidazinha, fora do carnal alcance." (ROSA, 1969, p. 193).

¹ Trabalho apresentado no "GT5: Ciberespaço: política, sociabilidade e ativismo" do III Seminário Fluminense de Sociologia do PPGS-UFF, realizado entre os dias 4 e 6 de novembro de 2014, Niterói/RJ.

² Mestranda do Programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Essa narrativa tecida por Guimarães auxilia na reflexão sobre o que este artigo abordará, ao tratar da imposição do desejo masculino sob o corpo da mulher e a liberdade que ele tem de se exibir desejoso. O preocupante é que apesar de se tratar de uma obra da década de 60, ainda é possível notar sua contemporaneidade.

O nu que trato neste artigo tem nome, endereço, perfil no *Facebook* e uniforme escolar. Um nu para além do sexo e do próprio nu. O nu inquisitório do *revengeporn* que humilha, estigmatiza e não perdoa. O campo para que essa prática se proliferasse foi aberto pela impunidade muito presente na internet, que permitiu que práticas de *voyerismo*, redes de fofoca e imagens de nudez se proliferassem.

O acesso a aparelhos móveis e a seus aplicativos permitiu que no conforto de um bate-papo entre amigos, fossem divulgadas imagens de mulheres nuas ou de lingerie, tanto anônimas quanto conhecidas, para pura contemplação e/ou para compartilhar com outras redes virtuais. Foi nesse espaço que me deparei com o *revengeporn*.

Essa prática consiste em expor fotos e/ou vídeos íntimos de uma pessoa sem o seu consentimento. As imagens circulam por fóruns, redes sociais e pelas entranhas da *deep web*³. O *revengeporn* popularizou-se pelo envio de mensagens de caráter erótico e sensual por meio de celulares (*sexting*). Porém, já se apresentava no contexto anterior ao da proliferação dos aparelhos móveis, com filmagens caseiras de atos sexuais (*sex tapes*).

Este artigo enfoca casos de meninas adolescentes que tem seus corpos expostos na internet e as narrativas construídas a partir deles. Abarcarei apenas a divulgação de fotos e não de vídeos. Fotos essas que retratam jovens nuas ou de lingerie. A escolha de pensar apenas a fotografia se deve ao fato de, atualmente, essa ser uma prática de apresentação mais corriqueira da pornografia de vingança. Já que o vídeo, geralmente, inclui imagens do homem, enquanto a foto exhibe apenas a mulher.

A exposição dessas imagens apresenta por um lado o rompimento da sacralidade feminina e a perda de prestígio. De outro, práticas de empoderamento, que reivindicam o poder da mulher sobre seu corpo. Por que o corpo feminino? Quem deve ser culpabilizado?

³ Conteúdo da internet que não é indexado pelos mecanismos de busca padrão (ex: *Google*) sendo, portanto, mais difícil de ser rastreado.

Como lidar com a replicação dessas imagens? Essas questões permeiam a temática deste artigo.

Para construir este texto, analisarei perfis de redes sociais que expõem, sem permissão, imagens de jovens, e outros que oferecem apoio às mulheres que sofrem com isso. Além disso, realizei entrevistas que apresentam diferentes perspectivas sobre o caso. A composição desse quadro envolve pinceladas de vulnerabilidade, repressão e crueldade.

A internet, travestida de um espaço sem leis e fronteiras, expõem por meio de suas narrativas um exercício voyeurístico torpe. Acompanhando alguns vestígios do *revengeporn* em redes sociais é possível encontrar uma exposição pública de imagens de garotas com idade inferior a 18 anos, algumas de uniforme escolar, com identificação de nome e a exposição de seus perfis em redes sociais.

A partir disso, é possível identificar que a nudez da mulher, nesse espectro, ultrapassa o nu *per se*, invadindo o domínio do poder. Esse nu está travestido nas roupagens da humilhação e do desprestígio, indo muito além da exposição de um ato sexual.

As restrições provindas de um ideal de pureza e castidade do corpo feminino são também destiladas no discurso das próprias mulheres sobre outras e sobre elas mesmas. As categorias em que a mulher pode se encaixar são claramente exibidas no perfil do *Twitter* que será posteriormente analisado: para namorar e para transar, casta e a impura, vulgar e correta, quem tem um corpo adequado para ser exibido e quem não tem.

A relevância do tema se deve a recorrência de casos de *revengeporn*, tanto com pessoas comuns quanto celebridades. Além da eclosão de páginas que se propõem a empoderar a mulher e auxiliar pessoas que tiveram suas imagens expostas online.

Revengeporn: o mercado de desejos virtuais

A alguns meses⁴, entrevistei um grupo de meninas de 13 e 14 anos. O objetivo era descobrir com que propósito utilizavam cada rede social, com enfoque na publicação de imagens. Durante a conversa, ouvi sobre a demanda que os garotos tinham por fotos das

⁴ As entrevistas ocorreram durante os meses de junho e julho de 2014. Foram feitas com quatro garotas de uma mesma cidade.

meninas nuas ou de lingerie. Além disso, soube do caso de uma garota que teve sua foto exposta na internet e como isso a afetou. Deparei-me, então, surpresa, com o *revengeporn*.

Segundo as entrevistadas, o aplicativo de troca de mensagens, *WhatsApp*, é um canal pelo qual facilmente se recebe, inadvertidamente, fotos de meninas nuas. Uma delas, comentou: "As meninas que se exibem não criam vergonha não, não saem nem de escola." A expressão "criar vergonha" é interessante para demonstrar o repúdio sobre a exibição do corpo feminino. Esse discurso se torna ainda mais intrigante por se originar de uma garota. O que mostra o impacto que possuem as estigmatizações do corpo feminino.

Duas das entrevistadas, afirmaram que meninos já pediram a elas fotos sensuais. No que uma delas relata:

Tanto menino que eu já fiquei, quanto menino que eu não fiquei, pedem. Mas apago a mensagem na hora. Quando você começa a conversar com a pessoa, chegam zoando, tipo: "Passa uma foto aí." Aí você manda foto normal. Aí eles pedem uma foto mais ousada. Aí eu digo, não. Mas tem menina que manda direto. Acho que conheço menina que se um menino pedir pelada dela ela manda.

Uma das entrevistadas conta o caso de uma amiga, que no ano passado, então com 13 anos, teve sua foto exposta na internet. Segundo ela:

Tirou foto toda pelada, com a perna aberta e enviou para um menino que ela queria ficar. Uma coisa horrível. O peito dela é caidão. Ela já tinha transado. Depois disso, ela foi morar em Juiz de Fora, onde a irmã faz faculdade. Ainda falam dela na cidade.

Esse caso permite pensar em como é difícil para a pessoa estigmatizada, continuar convivendo com as pessoas que tomaram conhecimento de sua situação.

Em seu livro *Estigma*, Goffman (1988) aborda a questão da fama e como ela rompe com a necessidade de conhecer alguém pessoalmente, para saber algo sobre essa pessoa. Isso promove uma valorização da identidade social do indivíduo em detrimento de sua identidade pessoal. No que o autor destaca a importância de pensar a má reputação ou infâmia como promotoras de controle social, que impede o indivíduo de gozar da liberdade que possuía quando anônimo, devido ao estigma pelo qual foi marcado.

Uma das entrevistadas diz que as meninas que enviam essas fotos são loucas. Ao que complementa comentando que o último menino que ficou com ela, pediu uma imagem deste tipo: "Esses meninos tem um papinho tão bom para conseguir convencer. O menino diz: 'Você não confia em mim? Se você confia, manda.' Eu digo que confio, mas tenho medo do

celular dele ser hackeado e sei lá." Outra garota diz: "Eles ficam mandando mensagem pra gente dizendo: 'Biquine é uma coisa, calcinha e sutiã é outra? De calcinha e sutiã é muito mais sexy.' "

Após deparar-me com esses relatos, vi uma publicação no *Facebook* sobre o *youPIX Festival*. Esse evento tem o propósito de discutir sobre o universo digital com os jovens. "Tô pelada na net...e agora?" era o título de uma de suas mesas. Esse debate sobre o *revengeporn* foi gravado e publicado online. Ao assisti-lo, conheci o aplicativo *For You*, destinado a mulheres vítimas do *revengeporn*.

A ideia desse aplicativo foi desenvolvida por cinco meninas estudantes de uma mesma escola, com idades entre 16 e 18 anos, a partir da demanda do *TechnovationChallengeBrasil* deste ano. Resumidamente, esse desafio propõem a garotas estudantes do Ensino Médio que desenvolvam o protótipo de um aplicativo para celular que auxilie um problema da região onde vivem. O aplicativo vencedor recebe financiamento e suporte para seu desenvolvimento.

Apesar do aplicativo *For You* não ter vencido a competição, a proposta de auxiliar mulheres que sofreram com *revengeporn* já está em prática na página que as desenvolvedoras do aplicativo administram no *Facebook*. Nela as meninas publicam imagens e textos que promovem o empoderamento das mulheres, além de depoimentos de vítimas do *revengeporn*.

Após conhecer esses fatos, decidi que o foco da minha pesquisa de dissertação de mestrado seria o *revengeporn*. Nesse momento, comecei a pesquisar mais sobre o tema e li uma matéria sobre um perfil no *Twitter*, que tinha como proposta divulgar fotos de adolescentes nuas. Quando soube de sua existência, a conta já havia sido denunciada e excluída do site.

Esse perfil incita que as meninas sejam descobertas ao apresentar seus nomes, perfis de redes sociais e lugar onde estudam. Em um matéria do jornal *Gazeta do Povo*, de julho deste ano, há o relato de que sete meninas que foram expostas, dentre as mais de cem imagens divulgadas pelo perfil, apresentaram-se na delegacia. Dos inquéritos instaurados, três dizem respeito à pedofilia e à difamação.

Joga pedra na Geni: a memória inapagável da internet

Passados dois meses, ao buscar mais informações sobre o perfil do *Twitter* que divulgou imagens de adolescentes nuas, surpreendo-me ao encontrar sua conta recém-reativada. Contando apenas com a alteração de algumas letras do nome de seu perfil, no mesmo dia de sua reinauguração, a conta foi rapidamente povoada por imagens. Em questão de poucas horas, já era possível encontrar 33 imagens de adolescentes.

A primeira publicação do autor do perfil já apresentava com clareza o propósito da página: "Vc tem fotos? manda por dm com o nome da gatahh!". Não era suficiente expor apenas o corpo, mas o ponto principal era exibir a identidade da menina, do nome à escola em que estuda, quanto mais informações fornecidas, mais os seguidores do perfil se animavam. É possível perceber isso com o comentário de um dos seguidores: "Voltou para alegria do povo. É disso que o povo gosta" e "Vou ver se tem foto de alguém q eu conheço".

Os comentários feitos por outros usuários do *Twitter* sobre o perfil auxiliavam na construção dos estigmas sobre as meninas que tinham seus corpos expostos. Alguns comentários de seguidores permitem construir um panorama dos discursos produzidos a partir dessas imagens: "É muita puta pra uma cidade só!"; "Q teta mais feia"; "Aparece no peladinhas e se paga de santinha pros macho, ahh minha filha, vai lavar essa cara" e "Quer namorar com a mina, antes da uma conferida se ela não ta aqui".

Ao deparar-me com esse caso, lembrei-me de Norbert Elias (2000) em suas "Observações sobre a fofoca". Nesse texto, o autor diz: "A fofoca depreciativa [*blamegossip*] é inseparável da elogiosa [*pridegossip*], que costuma restringir-se ao próprio indivíduo ou aos grupos com que ele se identifica." (ELIAS, 2000, p. 121). Esse trecho é interessante para pensar nos discursos inquisitórios presentes nos comentários feitos sobre as fotos publicadas no *Twitter*, que acabam, mesmo que não explicitamente, criando uma atmosfera de superioridade sobre aqueles que estão na posição de juiz.

Além disso, Norbert Elias (2000) mostra como uma rede de troca de informações densa, facilita a velocidade de transmissão das fofocas. O que, atualmente, é potencializado pelas conexões promovidas por aplicativos e redes sociais. A partir dos comentários de seguidores desse perfil, pude identificar outras páginas que se propunham ao mesmo fim que o dele.

Um desses perfis publicou: "Oh na moral agt [a gente]tazando aqui e pá, mais não tem necessidade de ninguém i fala pras mina sobre as fotos, se isso continuar vão denuncias o twitteraó já era smcd[sem mancada]", enquanto comemorava a conquista de 228 seguidores em menos de 2 dias.

Esses outros perfis também se propõem a mais tipos de *bullying*, comentando negativamente sobre o estilo de se vestir e modos de agir de alguns garotos, tudo isso pautado pelo uso de imagens. O que mostra que para além do corpo, esses usuários estão mais interessados em denegrir a imagem de outras pessoas.

Para reforçar essa constatação, vale mencionar o seguinte trecho da obra já mencionada de Norbert Elias:

Tinha-se a impressão de que as notícias sobre o desrespeito às normas aceitas, cometido por pessoas conhecidas da comunidade, eram muito mais saborosas, forneciam maior entretenimento e uma satisfação mais prazerosa, tanto para narradores quanto para ouvintes, do que os boatos sobre alguém que fosse digno de elogios por defender os padrões aceitos, ou merecedor de apoio num momento de necessidade (2000, p. 124).

Em uma reportagem que comenta sobre casos de *revengeporn* no *Twitter*, é possível perceber um descompasso geracional. Isso é notado na forma como pessoas que não cresceram nesse ambiente rodeado de tecnologias digitais buscam soluções para esses casos.

A fala de um delegado do Núcleo de Combate aos Cibercrimes (Nuciber), da Polícia Civil, mostra como é difícil compreender o nível de envolvimento dos jovens com o universo digital: "Para o delegado, a principal orientação em casos como este [*revengeporn*] é para os pais. 'Eles devem ter a noção de que uma adolescente não tem maturidade para ter em mãos um telefone com tanta tecnologia'."

Em um artigo sobre a relação dos jovens com as redes sociais, danahboyd (2007) pensa na definição de público e privado no ambiente online e a questão do público-audiência. Segundo a autora, nas redes sociais, em geral, público se refere a algo que pode ser visto por todos e privado, algo que só sua rede de contatos pode acessar. Um contraste com ambientes físicos, cujo acesso é limitado por barreiras temporais e geográficas. Além disso, a internet adiciona um agravador às mídias tradicionais, os motores de busca.

Essas ferramentas facilitam que a pessoa perca o controle sobre aquilo que divulga online, isso dialoga com o conceito de audiência invisível que a autora trata no texto. Não é

mais possível definir quem ouve e em qual contexto. Isso agrava a questão dos pais que têm acesso ao conteúdo dos filhos online e não conseguem lidar bem com isso, pois o discurso que os adolescentes constroem online é um discurso direcionado aos seus amigos.

Para Danah (2007), é possível pensar nas redes sociais como a sociedade civil da cultura adolescente, em detrimento do Estado representado pelo pais e pela escola. A autora diz que o conteúdo publicado nas redes sociais tem quatro características cruciais: a persistência, a capacidade de ser procurado e copiado e as audiências invisíveis. Essas características, segundo ela, alteram as dinâmicas sociais.

Para complementar a perspectiva de danah, é possível pensar no livro *Digital Anthropology* (2012), no qual Miller e Heather analisam a materialidade do ambiente digital e como ele está se imbricando ao nosso constituinte humano. Os autores fogem da máxima que acredita que o envolvimento com o digital nos faz perder nossa autenticidade, ao mostrar que ele nos permite ampliar o entendimento daquilo que consideramos como humano. Miller e Heather defendem a importância de não pensar nas novas tecnologias como promotoras de uma dimensão imaterial.

Essa perspectiva apresentada pelos autores auxilia na reflexão sobre a materialidade das imagens divulgadas online. Além disso, é possível pensar em como as redes sociais, para além de suas formas de interação, nos permitem analisar pequenos cosmos sociais antes ocultados por limitações geográficas e temporais, que agora se expõem publicamente e congelados no tempo para análise.

For You: tecnologia em prol das mulheres

“Se eles usam apps para (tentar) nos humilhar, nós revidamos usando apps para nos empoderar!”. Esse é o *slogan* que o aplicativo *For You* apresenta em sua página no *Facebook*. Esse projeto de aplicativo é destinado a mulheres que sofreram *revengeporn* ou algum outro tipo de assédio virtual.

Durante uma entrevista que realizei com uma das desenvolvedoras do aplicativo *For You*, fui informada que na época em que estavam planejando o tema do aplicativo, aconteceu

um caso de *revengeporn* com uma menina de 13 anos na escola em que estudam. O relato dessa integrante do *For You* exhibe com clareza os estigmas de quem sofre *revengeporn*:

Nós pensamos pela menina e vimos que ela não é a culpada disso tudo, a culpada é a pessoa que divulgou. Mas a sociedade não aceita isso. A sociedade é meio machista com isso. E aí, nós acabamos sofrendo um certo *bullying* na escola, porque nós defendemos essa menina de 13 anos, que estava sofrendo com isso. Nós fomos as únicas que ficamos do lado dela. A escola inteira contra ela. A escola inteira xingando. Aí nós fomos lá e falamos: "Não. A gente tá com você. A gente tá aqui para o que você precisar." Esse *bullying* veio tanto de meninas quanto de meninos, veio de todos os lados.[...] Mudou tudo quando a gente começou a fazer esse trabalho. Mudou desde a minha visão sobre essas meninas, porque eu já julguei essas meninas. Mudou completamente o jeito com que eu vejo a sociedade. Eu sou uma pessoa completamente diferente. Impactou todas nós. Mudou a vida de todas nós. A imagem, a nossa visão, mudou tudo.

O receio da violação do segredo, ao terem suas fotos privadas expostas na internet, faz com que muitas mulheres não denunciem as ameaças. Por isso, páginas como a *For You*, estimulam as mulheres a ter mais consciência sobre o domínio que tem sobre seus corpos e a importância de denunciar esses atos de violação da intimidade. Uma publicação feita pela *For You* serve como exemplo:

Meninas, há algum tempo um grupo de facebook chamado "X"⁵ tem publicado a intimidade de varias meninas. Várias denuncias foram feitas e o grupo saiu do ar no facebook, porém o dono desse lixo fez um twitter e continua compartilhando a intimidade das meninas. Precisamos denunciar e pedir justiça, esse tipo de atitude NÃO pode ser tolerada, e as autoridades PRECISAM levar isso com seriedade. As vítimas não podem sair como as culpadas, mais uma vez. Denunciem, meninas, denunciem!!! À todas as vítimas dessa nojosa: A culpa não é sua. Estamos do seu lado.

Em sua "Sociologia do segredo", Simmel (2009) mostra que o prazer da revelação de um segredo está associado à sensação de poder. A partir disso, é possível notar que na prática de expor imagens de adolescentes nuas, há o constante frisson em revelar muito mais do que aquilo que as roupas escondem. Impondo uma carga de vulgaridade e imoralidade ao ato de fotografar-se nua ou com lingerie e compartilhar essa imagem com alguém:

Assim como a propriedade material é uma extensão do ego - a propriedade e precisamente aquilo que obedece a vontade do possuidor, assim como o corpo é a nossa primeira "propriedade" com base nisso, toda invasão dessa posse é uma violação da personalidade; existe então uma propriedade privada espiritual cuja invasão significa uma violação do ego que está no seu centro (SIMMEL, 2009, p. 228-229).

Na página do *For You* há alguns depoimentos de meninas vítimas do *revengeporn*. Retiro de um deles alguns trechos:

⁵ Optei por não expor o nome da página, assim como fiz com as do *Twitter*, para minimizar o acesso a ela.

Há algum tempo enviei uma foto nua ao meu namorado [...]. Alguns meses após o fim do relacionamento, descobri que ele havia enviado a tal foto e espalhou diversas coisas negativas sobre mim para todos que conhecíamos. A repercussão da foto foi tanta que criaram diversos grupos no WhatsApp, perfis no Facebook e Instagram exibindo a minha foto e me humilhando, além de terem mandado pra todos da minha família. [...] Estremecia ao pensar que as pessoas, em primeiro lugar, me julgariam por ter meu corpo exposto, ao invés de se importar com quem eu realmente sou. Mas uma hora caí na real [...]. Uma foto nua não dá título de puta, assim como a ausência dela não nos torna santos.

É possível aplicar nessa situação o atrito entre a imagem projetada para aqueles que o conhecem pessoalmente a imagem pública de alguém, abordado por Goffman (1988). O autor comenta que um tipo especial de estigmatização pode ocorrer quando a imagem pública de um indivíduo é tão impactante que torna-se um retrato do que ele é. Isso pode corromper a imagem que seus conhecidos construíram sobre ele. A partir disso, o indivíduo pode ser percebido como alguém que não é mais o que era.

Para complementar essa ideia, dialogo com Elias (2000) sobre os dois polos da fofoca: seu criador e seu alvo. O autor destaca a importância de analisar se esses polos são oriundos de grupos sociais distintos. Para que seja possível criar um quadro de referência onde se descubra a razão da fofoca e sua eficácia em denegrir a imagem de um grupo ao mesmo tempo que permite a ascensão do seu.

Sobre a questão da importância da identidade coletiva sobre a modelagem da identidade individual, o autor diz:

As calúnias que acionam os sentimentos de vergonha ou culpa do próprio grupo socialmente inferior, diante de símbolos de inferioridade e sinais do caráter imprestável que lhes é atribuído, bem como a paralisia da capacidade de revide que costuma acompanhá-los, fazem parte do aparato social com que os grupos socialmente dominantes e superiores mantêm sua dominação e superioridade em relação aos socialmente inferiores. (ELIAS, 2000, p .131).

Considerações finais

A internet como um espaço de mudanças velozes e regulamentações ainda frouxas, deixa margem para atos criminosos de inúmeras dimensões. Da publicação de imagens privadas ao que parece ser um simples compartilhamento, ocorre violação da intimidade de alguém. O corpo que se apresenta virtualmente, já não pode mais ser desvinculado do físico.

Pensar na circulação de imagens do corpo nu feminino no ciberespaço é refletir sobre uma das questões mais representativas do hibridismo contemporâneo, pois ele se encontra

tangenciado por tantos elementos e em uma rede de conexões que envolve novos fenômenos e indefinições. A nudez extrapola as fronteiras virtuais e exhibe questões sobre os aprisionamentos aos quais o corpo feminino é submetido.

Essas reflexões convergem para o desafio de pensar como a mulher é cotidianamente estigmatizada. Permitem observar como as novas tecnologias causam desconforto, pois trazem novos parâmetros para pensar nossas relações, relevando fragmentações que até então escondiam-se no offline. Além disso, mostram que o virtual é no mínimo parte do real, o que torna a distinção entre real e virtual um equívoco.

Referências:

BEM PARANÁ. Polícia investiga mais de 100 casos de sexting em Curitiba. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/noticia/339060/policia-investiga-mais-de-100-casos-de-sexting-em-curitiba>>. Acesso em: 21 de out. 2014.

boyd, danah. (2007) "Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life." MacArthur Foundation Series on Digital Learning – Youth, Identity, and Digital Media Volume (ed. David Buckingham). Cambridge, MA: MIT Press.

ELIAS, Norbert. "Observações sobre a fofoca". In: Os estabelecidos e os outsiders. In: Estabelecidos e outsiders. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000. p. 121-135.

EMPREENDEDORISMO ROSA. TechnovationChallenge Brasil 2014. Disponível em: <<http://empreendedorismorosa.com.br/technovation-challenge-brasil-2014/>>. Acesso em: 21 de out. 2014.

FACEBOOK. For You. Disponível em: <<https://www.facebook.com/simplesmenteforyou>>. Acesso em: 10 de ago. 2014.

GAZETA DO POVO. Curitiba são expostas nuas na web. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1487264&tit=Curitiba-sao-expostas-nuas-na-web>>. Acesso em: 21 de out. 2014.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

MILLER, D.; HEATHER, H. The Digital and the Human: A Prospectus for Digital Anthropology. In: Digital Anthropology. New York: Berg Publishers, 2012.

ROSA, G. "Buriti". In: Noites do Sertão. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969. p. 83-251.

SIMMEL, Georg. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. Revista de Ciências Humanas, Universidade Federal da Paraíba, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número 1, p.219-242, Abril de 2009.

YOU PIX. Perfil do Twitter mostra imagens de adolescentes nuas e retoma debate de revengeporn. Disponível em: <<http://youpix.virgula.uol.com.br/comportamento/perfil-twitter-mostra-imagens-de-adolescentes-nuas-e-retoma-debate-de-revenge-porn/>>. Acesso em: 10 de ago. 2014.